



GESTÃO, CULTURA E CONSUMO SIMBÓLICO NO CORTEJO AFRO

MANAGEMENT, CULTURE AND SYMBOLIC CONSUMPTION AT CORTEJO AFRO

Recebido em 05.04.2017. Aprovado em 19.06.2017

Avaliado pelo sistema *double blind review*

DOI: <http://dx.doi.org/10.12712/rpca.v11i3.961>

Eduardo Davel

davel.eduardo@gmail.com

Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador/BA, BRASIL

Renata Saback Rosa

r.saback3@gmail.com

Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador/BA, BRASIL

Resumo

Este caso para ensino suscita conhecimento e aprendizagem sobre noções de valor simbólico e consumo simbólico de bens culturais. Seus objetivos de aprendizagem são: (a) entender os significados culturais que sustentam a atividade de uma organização; (b) identificar os desafios de mudança de contexto cultural para os processos de produção do valor simbólico; e (c) refletir sobre estratégias de gestão de valor simbólico necessárias para enfrentar os desafios de mudança de contexto cultural. A história narrada no caso trata de experiências simbólicas no bloco baiano Cortejo Afro, organização baiana do segmento de entretenimento e cultura, que produz eventos e espetáculos relacionados ao contexto carnavalesco e a cultura afro-baiana. Este caso é real, baseado em um estudo de caso. Todavia, a história foi, em parte, adaptada para suscitar aprendizagem sobre a mudança de contexto cultural.

Palavras-chave: Valor simbólico. Consumo cultural. Bens culturais. Símbolos. Cortejo Afro.

Abstract

This teaching case provoke knowledge and learning about notions of symbolic value and symbolic consumption of cultural goods. Its learning goals are: (a) understanding the cultural meanings that sustain the activity of an organization; (b) identifying the challenges of cultural change in terms of the processes of symbolic value creation; and (c) thinking about the management strategies of symbolic value for dealing with the challenges of cultural change of context. The story in the case reports the symbolic experiences of the carnival block Cortejo Afro, an entity from Bahia, which works in the entertainment and culture segments and which produce events and performances related to the carnival context and Bahia's afro-culture. The case is real, based on a case study. But, the story is adapted, in part, for provoking learning about the change of cultural context.

Keywords: Symbolic value. Cultural consumption. Cultural goods. Symbols. Cortejo Afro.

Caso para Ensino¹

De Paris para Salvador

Tudo começa com a apresentação do jovem casal de artistas e produtores culturais, Mathilde Lamartine e Ramon Flores Martinez. Ela francesa, serigrafista, 30 anos. Ele cubano, músico, 28 anos. Ambos apaixonados pela arte e com um misterioso interesse e curiosidade pelo Brasil, em especial, pela Bahia.

Eles formam um jovem casal urbano, moram da cidade de Paris, trabalham com arte e cultura. Recentemente, montaram uma empresa voltada para a produção de eventos culturais na capital francesa, *La Vitrine Culturelle*. Além disso, o casal possui suas empresas próprias relacionadas às suas aspirações e habilidades. Mathilde mantém um *e-commerce*, site de comércio virtual, para divulgação e venda de artigos e peças serigrafadas produzidas por ela mesma, como almofadas, quadros e *t-shirts*. Por outro lado, Ramon é um dos músicos que compõem a *Orchestre National de Jazz* que atua em Paris e outras cidades francesas. Nas horas vagas, Ramon trabalha como *luthier*, construindo e reparando instrumentos para terceiros de forma personalizada.

Os dois se conheceram em um dos muitos intercâmbios que fizeram pelo mundo, e como dois apaixonados por viagens e aventuras, decidiram que o próximo destino seria Salvador, Bahia, Brasil. Quando chegaram à Salvador, no verão de janeiro de 2012, se mostraram inquietos e ansiosos para conhecer os principais aspectos culturais da cidade, como os sons, os temperos, as paisagens e as famosas tradições religiosas.

No *hostel* onde estavam hospedados, no histórico e charmoso bairro Santo Antônio Além do Carmo, o casal conheceu Yan Heins, um alemão que há, pelo menos, 13 anos visita a Bahia. Yan é instrumentista musical, e já teve contato com vários blocos baianos de origem afro-brasileira, como Ilê Aiyê, Olodum e Cortejo Afro. Apreciador da música baiana, Yan se encantou com as batidas percussivas do samba-reggae, e por isso, aprendeu a tocar vários instrumentos de percussão, como o agogô, o atabaque, e aprimorou suas

habilidades com o famoso tambor. Por demonstrar talento e interesse, Yan foi convidado a participar no início de 2011 do projeto “Tambores do Mundo” e desfilou na avenida durante o carnaval baiano junto a outros 100 percussionistas vindos de outros países.

Apesar de estrangeiro, Yan se tornou o guia turístico de Mathilde e Ramon e apresentou a eles os principais cartões postais da cidade. Durante os passeios, as paisagens urbanas e os cenários históricos foram fascinando ainda mais o casal, que antes conhecia Salvador apenas por imagens pesquisadas da internet e por fotografias mentais criadas através da leitura de livros de grandes escritores baianos, como Jorge Amado.

O fascínio foi crescendo à medida que a francesa e o cubano foram apresentados às diversas igrejas da cidade, à arquitetura histórica do Pelourinho, a topografia que liga a cidade baixa à cidade alta, aos sorrisos e sotaque dos baianos, aos sons do Rio Vermelho, aos sabores dos diversos sorvetes da Ribeira, ao conforto da areia, barulho do mar e a paisagem das praias. A câmera fotográfica profissional de Mathilde estava repleta de fotos de diversos ângulos da capital baiana. A francesa já fazia planos para converter algumas dessas fotografias em estampa para seus produtos, através da arte da serigrafia. Ramon também se inspirava nas paisagens soteropolitanas criando mentalmente arranjos musicais livres com o seu trompete.

Sentados no banco, de frente para o mar, contemplando o pôr do sol na Ponta de Humaitá, uma das vistas protagonistas que compõem os cenários soteropolitanos, os três estrangeiros chegaram a mesma conclusão: Salvador é cor, sol, sabor e poesia!

Vivenciando o Ensaio do Cortejo Afro

Em uma segunda-feira de muito calor na capital baiana, Yan convidou o casal e mais alguns hóspedes do *hostel*, dentre eles estrangeiros e brasileiros de outros estados, para ouvirem a música afro contemporânea da Bahia, o samba-reggae. Como bom estudioso e apreciador desse estilo musical singular, Yan aproveitou o

¹ A situação problema, relatada no caso para ensino, não é verídica, foi criada para efeitos de fomento à discussão, reflexão e aprendizagem sobre um tema relevante que está ganhando notoriedade no meio acadêmico e organizacional. Todavia, o caso é real e foi baseado em um estudo de caso a partir de coleta de informações por meio de documentos, entrevistas semiestruturadas e observação direta.

interesse de seus novos amigos para explicar sobre o nascimento desse conceito rítmico.

Ele discorreu sobre a recriação de sonoridades afro-americanas, afirmando que o samba-reggae é um estilo inovador que estabelece um diálogo entre instrumentos de percussão e vocais. Explicou que o repertório mergulha em inúmeras fontes, mas que é especialmente influenciado pela dimensão política do movimento afro-baiano e pela defesa do negro e de suas raízes africanas. Além disso, o alemão ressaltou a corporalidade que é dada ao samba-reggae através das danças criativas, especialmente as coreografias executadas pelos percussionistas. Diante do contexto explicado por Yan, Mathilde e Ramon estavam mais familiarizados com esse universo musical e estavam prontos para curtir a noite no Pelourinho ao som da banda do bloco Cortejo Afro.

Quando chegaram à Praça Pedro Archanjo, o grupo encontrou uma fila com muitas pessoas esperando para adquirir o ingresso e assistir ao show. Assim que adentraram o local, o casal aproveitou para observar o ambiente, a decoração, as pessoas presentes e seus comportamentos. Tudo era muito colorido e muito animado, e o casal logo se viu ansioso para que a festa começasse. A Praça Pedro Archanjo já estava suficientemente cheia de gente, quando as luzes se acenderam no palco e a percussão começou a entoar seu ritmo de maneira a anunciar o início de um show emocionante. A batida percussiva ecoava unida às vozes dos três vocalistas da banda, que cantavam juntos:

*“Corteja a flor chegando
É a rua em combustão
Me acaba, me corteja, me arrasta
Pra conflagração”*

O show começou. No palco, os percussionistas esbanjavam *swing* baiano através das coreografias sintonizadas com as sonoridades percussivas. Todos estavam vestidos com a mesma fantasia enigmática. Fantasia essa que chamava a atenção dos espectadores e os provocava a interpretá-la. Homens e mulheres, negros, mulatos e brancos, todos vestiam um macacão colado a pele que reproduzia os tecidos musculares do corpo humano.

– Qual é a mensagem que essa fantasia pretende comunicar? Será a mensagem de que, por debaixo da

pele, somos todos iguais? Indagava o casal estrangeiro um para o outro.

Em meio ao público que formava um mar de corpos frenéticos dançando ao som do Cortejo Afro, surgiu um dançarino negro com o rosto pintado de tinta prata, olhos cobertos por adereços futuristas, também vestido com a fantasia que representava o corpo humano despido de pele. Este dançarino portava um grande sombreiro branco rendado e efetuava uma série de performances e movimentos exotéricos junto ao público. Este era mais um elemento estético e simbólico que chamava a atenção de Mathilde e Ramon, e que deixava o espetáculo ainda mais enigmático.

Ao vislumbrar o rosto de incompreensão e curiosidade do grupo de turistas que observava o dançarino suspendendo o sombreiro em meio as suas danças, um baiano que estava próximo ao grupo, frequentador assíduo dos ensaios de verão promovidos pelo Cortejo Afro, se prontificou a matar a curiosidade. Ele contou que o dançarino se chama Veko Araújo e que é uma figura representativa do Cortejo Afro (Figuras 1 e 2). Explicou que o sombreiro simula o alá de Oxalá, que, por sua vez, representa misericórdia e proteção. Esclareceu que, no Candomblé, Oxalá é o orixá criador e suas cores são o branco, o prata e o azul.

Figura 1 . Veko Araújo em Performance



Fonte: Perfil do Facebook do dançarino Veko Araújo (2016).

Figura 2 . Performance Veko Araújo em Performance com o alá de Oxalá



Fonte: Perfil do Facebook do dançarino Veko Araújo (2016)

O final do show se aproximava e o casal, assim como todo o público, estava encantado com a apresentação. Neste momento, Daniela Mercury, famosa cantora da Bahia e uma das convidadas da noite pela banda Cortejo Afro, começou a cantar como se estivesse se despedindo. Nesse clima de euforia, com gosto de “quero mais”, a voz do público se confundia com a voz dos cantores, quando os seguintes versos eram cantados:

*“Um abraço negro
Um sorriso negro
Traz felicidade
Negro sem emprego
Fica sem sossego
Negro é a raiz da liberdade”*

Festa popular, música irreverente, danças repletas de criatividade, figurinos exóticos e esteticamente refinados, pessoas felizes, cheias de personalidade e estilo. Um espetáculo para ser vivenciado. Essa foi a opinião da francesa e do cubano, que saíram do Pelourinho extasiados e ainda mais curiosos.

O Cortejo Afro pelo Mundo Digital

Por serem dois produtores culturais apaixonados pela manifestação da arte e da cultura de outros países, e por terem tido durante o ensaio do Cortejo Afro uma experiência sensorial incomum às demais experiências que já tiveram, Mathilde e Ramon se interessaram pelo conceito do bloco e resolveram realizar uma pesquisa virtual para conhecer um pouco mais. No site oficial do Cortejo Afro, Mathilde se encantou com a história do artista plástico, idealizador e fonte principal de concepção artística do bloco, Alberto Pitta. A manifestação de interesse se mostrou evidente devido à carreira de Pitta estar vinculada às artes plásticas, à moda e aos seus elementos estéticos como, por exemplo, figurino, adereços e, especialmente, estampas. Por outro lado, para Ramon, por ser músico, destacou-se o âmbito instrumental e a formação da banda. A mistura de ritmos e instrumentos, descrita no próprio site oficial como “revolução musical afro-baiana”, aguçou a curiosidade do cubano, que a essa altura já tentava estabelecer conexões com outros ritmos latino-americanos.

Apesar dos interesses individuais advindos da carreira e talento de cada um, a marca Cortejo Afro chamou a atenção do casal estrangeiro por trazer símbolos diversificados, aos quais Mathilde e Ramon gostariam de conhecer melhor. Logo, continuaram a busca por maiores informações navegando pela internet. Através das fotos divulgadas no perfil do bloco nas redes sociais, reportagens e vídeos publicados em sites, canais da internet e da própria descrição do histórico do bloco no site oficial, a francesa e o cubano foram melhor apresentados ao contexto em que o Cortejo Afro está inserido e que é essencial para a formação atual da marca.

Nessa conjuntura, descobriram a forte ligação entre o Cortejo Afro e a religião do candomblé, uma vez que o bloco nasceu dentro do terreiro Ilê Axé Oyá na comunidade de Pirajá em 2 de julho de 1998, tendo a data escolhida, propositadamente, como herança da Independência da Bahia. O terreiro Ilê Axé Oyá foi fundado pela mãe de santo Anísia Pitta, carinhosamente conhecida como Mãe Santinha de Oyá (Figura 3), que também é a líder espiritual do Cortejo Afro.

Figura 3 . Yalorixá Mãe Santinha de Oyá

Fonte: Site Internet oficial do Cortejo Afro (2016)

Devido aos limites físicos e espirituais do terreiro de candomblé, o bloco apresenta grande influência dos símbolos e representações da religião, remetendo seus temas e fantasias à elegância dos orixás. Entretanto, valendo-se do sincretismo religioso, o Cortejo Afro elege o discurso da fusão de religiões para contar a sua história nos desfiles carnavalescos. Em outras palavras, os elementos culturais e simbólicos de outras religiões, assim como aspectos históricos e mitológicos, são utilizados, também, como fonte de inspiração.

Outro aspecto fundamental na construção da marca do Cortejo Afro é a estética (Figura 4). Segundo entrevista com Alberto Pitta, assistida pelo casal no canal virtual *youtube*, a estética é o ato de se vestir bem, uma forma de libertação e autoafirmação. Pitta enfatiza que o Cortejo Afro privilegia a estética como provocação, desafiando os foliões e expectadores a refletirem sobre o tema, a fantasia e o papel que eles representam naquele contexto. No carnaval de Salvador, o Cortejo Afro se apresenta, não apenas como um bloco puxado por uma banda e pela percussão, mas como um deslocamento estético a partir de suas intervenções artísticas vislumbradas, principalmente, em suas fantasias e alegorias. Assim, segundo as fontes pesquisadas, o Cortejo Afro conseguiu um lugar de realce entre o grupo de blocos afros, destacando-se, sobretudo pelo apuro estético.

– Não por acaso, adota o slogan “elegantemente

sofisticado”, comentou Ramon com a sua companheira.

– De fato, o Cortejo Afro se apresenta de uma forma muito elegante e sofisticada, não concorda? Veja nessas fotos como as fantasias são majestosas, ricas em cores, detalhes, acessórios e estampas. São fantasias que se assemelham a roupas de deuses e deusas africanos, disse a francesa.

– Ao meu ver, o bloco exerce um papel étnico e social muito importante, no momento em que exalta a beleza da cultura negra e evidencia o quanto a estética das matrizes africanas é elegante, rompendo estigmas e padrões da sociedade.

Figura 4 . Slogan do Cortejo Afro

Fonte: <https://centraldocarnaval.files.wordpress.com/2010/10/blog-da-central-cortejo-afro.jpg> (2016)

O casal descobriu também que, além da banda e do bloco de carnaval, o Cortejo Afro está vinculado à organização não governamental Instituto Oyá, que foi fundada na mesma data e local do bloco. A ONG surgiu do desejo de Mãe Santinha em contribuir para o desenvolvimento humano, intelectual e artístico dos jovens do bairro de Pirajá. Assim, o Instituto Oyá promove atividades socioeducativas e oficinas que abordam aspectos da cultura e da tradição afro-baiana, como, por exemplo, percussão, desenho e criação de estampa, corte e costura, design de moda e estética.

Diante de tantas informações pesquisadas sobre os elementos e símbolos que dão forma e movimento ao Cortejo Afro, Mathilde e Ramon demonstraram vontade de conhecer a sede principal em Pirajá, berço do Cortejo Afro. Lá acontecem cultos religiosos, ensaios preparatórios para o carnaval, bem como oficinas de arte e cultura, além de servir como palco de construção dos temas carnavalescos.

Visitando a Sede do Cortejo Afro

Sabendo do interesse de Mathilde e Ramon em conhecer melhor o Cortejo Afro, Yan levou o casal para conhecer a sede do bloco no Pelourinho e lá eles conheceram Débora Nascimento que integra o grupo Cortejo Afro e faz parte do núcleo de Comunicação. Após as apresentações formais, Débora e os três estrangeiros foram conversar enquanto saboreavam um acarajé pelas ruas do Pelô. O casal aproveitou para falar da experiência que tiveram quando foram assistir o ensaio de verão do Cortejo Afro e comentar do quanto se interessaram pelo conceito da organização.

Ao conhecer as profissões do casal e ao notar o interesse deles pela cultura baiana e pela história do bloco, Débora logo os convidou para visitar o terreiro de candomblé, Ilê Axé Oyá, sede principal do Cortejo Afro em Pirajá. A francesa e o cubano ficaram animados com o convite.

Dentro da sede principal, Mathilde e Ramon tiveram contato com a cultura genuinamente baiana, aquela que é extremamente influenciada pelos aspectos afro brasileiros. O casal participou de uma cerimônia sagrada do candomblé, assistiu a uma apresentação realizada pelos jovens percussionistas da comunidade de Pirajá e experimentaram algumas comidas típicas oferecidas na sede, como, por exemplo, o mungunzá.

Admirados com tanta riqueza cultural, o casal estrangeiro foi apresentado à matriarca do bloco Cortejo Afro e do Instituto Oyá, a Yalorixá Mãe Santinha. Foram, também, apresentados a Alberto Pitta, filho consanguíneo de Mãe Santinha e responsável principal pelas concepções artísticas do grupo. Mãe Santinha abençoou a chegada do casal e deu as boas-vindas. Alberto Pitta, como um exímio anfitrião, apresentou toda a sede aos convidados, contou a história do bloco e do instituto, mostrou os arredores do bairro de Pirajá e falou um pouco de suas aventuras artísticas.

Durante a caminhada com Pitta, os estrangeiros ficaram sabendo mais detalhes sobre a sua carreira. Pitta contou que há 30 anos desenvolve trabalhos de pesquisas e criações artísticas ligados a cultura africana, tendo sido responsável pelas estampas e fantasias de diversos blocos afros e afoxés da capital baiana.

Após uma boa conversa e troca de saberes, Pitta convidou Mathilde e Ramon para auxiliarem os mestres nas oficinas ministradas pelo Instituto Oyá

nas semanas que se seguiriam. Obviamente, Mathilde se interessou pela oficina voltada para desenho e criação de estampa, e Ramon seguiu para a oficina de percussão.

O Carnaval de Salvador

Era início de fevereiro e o carnaval se aproximava. Todas as oficinas estavam voltadas para os preparativos finais do desfile. O tema desse ano seria “Outras Palavras”. Assim que foram apresentados ao tema do carnaval, Mathilde e Ramon estranharam de início, pois não entenderam o conjunto dos elementos envolvidos e o que se pretendia com eles. Ao ver a expressão de estranhamento do casal, Pitta abriu um largo sorriso de satisfação. Ele explicou que suas intervenções artísticas são criadas para serem interpretadas e ele já se sentia satisfeito em saber que a pessoa pensou sobre a sua obra, mesmo sem entendê-la. Segundo Pitta, o importante é a interpretação, ou seja, dar à obra significação. Explicava que os elementos utilizados para a construção do tema carnavalesco, o estranhamento dos estrangeiros, dava espaço à curiosidade. Com o tema, Pitta queria trazer à luz questões ignoradas pela maioria, tratando da invisibilidade das minorias sociais.

No dia em que Mathilde, Ramon e Yan foram buscar suas fantasias na sede do bloco no Pelourinho, eles se depararam com uma roupa misteriosa e polêmica, em que os rostos seriam cobertos por uma burca rosa e eles vestiriam uma blusa da mesma cor, onde estava escrita a palavra “Invisibilidade” em oito idiomas diferentes.

Invisibilidad

Invisibilitá

Invisibility

Invisibilité

Invisibilidad

Unsichtbarkeit

Invisibilitatem

Aópato

O carnaval começou. Já era sexta-feira e a noite se aproximava. A francesa, o cubano e o alemão se preparavam para o desfile do Cortejo Afro que estava programado para começar às 21:00 no Circuito Osmar, no Campo Grande. Enquanto se arrumavam, diferentes imagens passavam pela mente dos estrangeiros. Ao vestir a fantasia, Mathilde se

mostrou inquieta por estar usando uma burca, para ela a sensação era de perda da liberdade. Ramon sentia-se incomodado por estar vestindo um conjunto completamente rosa formado por blusa, saia longa e burca. Yan, por outro lado, sentia-se à vontade. Os três estrangeiros, de forma geral, sentiam-se animados por estarem indo ao famoso carnaval de Salvador e por estarem prestes a participar de um bloco que prima pela arte, cultura e inclusão social.

Quando chegaram na Praça Castro Alves, no bairro de Campo Grande, ponto de concentração dos blocos no Circuito Osmar, a francesa, o cubano e o alemão se juntaram a 60 estrangeiros vindos da França e da Grécia para compor a comissão de frente do bloco (Figura 5), a Ala da Percussão, juntamente com cerca de 140 percussionistas locais.

Figura 5 . Comissão de Frente do Bloco Cortejo Afro no Carnaval (2012)



Fonte: Perfil oficial do Facebook do Cortejo Afro (2016)

A ala da percussão foi a responsável por dar a largada no desfile do bloco na avenida. Conforme haviam ensaiado, os batusques foram iniciados junto com as coreografias. Assim, os instrumentos da banda, que se encontrava posicionada em cima do trio elétrico, se juntou às sonoridades da percussão.

Além da ala da percussão, o bloco estava composto por outras quatro alas: a tradicional ala das baianas (onde desfilaram mulheres de várias gerações), a ala de senhoras da terceira idade (que estavam vestidas, elegantemente, de Oxum, orixá das águas doces, da riqueza, da prosperidade e da beleza), uma ala de dança e uma ala de personalidades da vida cultural e intelectual da cidade de Salvador. Podia-se ver Mãe

Santinha, desfilando sentada em posição de destaque em um carro alegórico, cuja decoração remetia às características do seu terreiro de candomblé Ilê Axé Oyá (Figura 6).

Figura 6 . Mãe Santinha em Carro Alegórico no Carnaval (2012)



Fonte: Perfil oficial do Facebook do Cortejo Afro (2016)

A alegria era nítida e estava estampada nos sorrisos dos foliões, nas vozes dos cantores, na animação das pessoas que assistiam ao Cortejo das janelas de suas casas no Campo Grande, nas varandas dos camarotes e na pipoca. A energia contagiante da Bahia embalava os corações dos estrangeiros naquela noite.

Além desse desfile, Mathilde e Ramon participaram dos outros dois desfiles do Cortejo Afro durante o carnaval de Salvador.

Pós-carnaval

O carnaval de Salvador havia se encerrado há uma semana, mas a festa deixava sinais de saudade na mente e no coração do casal estrangeiro. Os dois já faziam, mentalmente, planos para retornar no

próximo ano. Sentados no bairro do Rio Vermelho, comendo o famoso acarajé da Dinha, Mathilde e Ramon conversavam com outros estrangeiros que também participaram do desfile do Cortejo Afro. Eles comentavam o quão enriquecedor é o processo de conhecer e participar de uma nova cultura, ainda mais quando esse processo envolve arte, música, dança, tradições e costumes religiosos.

Olhando as fotos do carnaval tiradas do *smartphone* de Ramon, Mathilde analisava com um olhar mais crítico as fantasias e alegorias do bloco.

– Como elas eram coloridas e bem elaboradas, a francesa comentou com seu companheiro.

– Por trás delas, é possível identificar algumas mensagens e significados, completou Ramon.

– Sim. Note que a fantasia que nós vestimos assumiu a forma de uma crítica social. Qual é a cor da invisibilidade? indagou Mathilde, metafóricamente.

– Ao mesmo tempo, a burca pode trazer outros significados, como os religiosos ou aqueles vinculados à regimes opressores e extremistas, comentou Yan.

– Sim, é possível fazer esse paralelo, também. A burca é um poderoso elemento para análises culturais e simbólicas. Pitta foi muito inteligente na sua escolha, concluiu Mathilde.

– De fato, ele foi muito inteligente em misturar elementos de diversas religiões durante o desfile. Tornou o desfile muito rico esteticamente em informações e mensagens. Sem contar a riqueza musical. Aquelas batidas percussivas são muito envolventes e contagiam o público, disse Ramon para o grupo.

Os estrangeiros continuaram conversando sobre os dias em que desfilaram com o Cortejo Afro, sobre como foi interessante ver aquela multidão de pessoas nas ruas de Salvador e sobre a diversidade cultural com a qual se depararam e se deliciaram durante o carnaval. A alegria calorosa dos baianos aquecia o coração do grupo de estrangeiros.

Mathilde continuava a pensar no desfile e em como ele havia sido único. À essa altura, a produtora cultural francesa imaginava o desfile acontecendo em seu país, sendo produzido pela sua empresa e de Ramon, *La Vitrine Culturalle*. Assim, Mathilde começava a arquitetar mentalmente o projeto de uma turnê do Cortejo Afro na sua cidade natal, a cidade luz.

– Ramon, *mon amour!* O que você acha de propormos a Pitta um show carnavalesco do Cortejo Afro em Paris? Você não acha que seria enriquecedor apresentar a cultura baiana afro-brasileira, através dos símbolos do Cortejo Afro, aos parisienses? Questionou Mathilde com um sorriso curioso e um certo olhar de animação.

Da Ideia à Concretização

Assim que a francesa e o cubano concluíram a explicação a respeito da proposta de produzir um evento cultural para apresentar à Paris o Cortejo Afro, Pitta esboçou reações de interesse, curiosidade, além de demonstrar certa preocupação. Para ele, o contato com outras culturas é um processo enriquecedor. Ele acrescenta, contudo, que a internacionalização do Cortejo Afro deve ser pensada com cuidado e cautela.

– Se lançar no mercado internacional exige muitas competências, afirmou o artista plástico ao casal.

Pitta comentou que já havia se envolvido em projetos de alcance internacional. Em 1995, como diretor artístico do Olodum, ele esteve envolvido na participação do bloco baiano na gravação do clip do cantor norte americano, Michael Jackson. No ano de 2004, o próprio Cortejo Afro participou de uma produção artística idealizada pelo artista plástico também norte americano, Matthew Barney. Essa parceria viabilizou a realização de um projeto especial, denominado “Da lama lâmina”, durante o desfile de carnaval do bloco em Salvador.

A fim de encorajar Pitta, Ramon argumentou que o Cortejo Afro possui uma singularidade sonora e estética que possui muito potencial para conquistar mercados internacionais, assim como o Axé Music ultrapassou seus limites territoriais há cerca de duas décadas atrás.

Pitta, então, resolveu convocar uma reunião com a diretoria do Cortejo Afro para discutir a viabilidade da proposta feita por Mathilde e Ramon. Nessa reunião, o casal apresentou formalmente a proposta aos gestores do Cortejo Afro presentes. Juntos, realizaram um *brainstorm* de ideias, construíram os esboços do projeto, pensaram em planos de comunicação e divulgação, realizaram o levantamento de possíveis gastos e possíveis parcerias com iniciativas públicas e privadas.

Após umas dezesseis horas de reunião, os argumentos do casal de produtores culturais convenceram Pitta e a direção do Cortejo Afro. Decidiram aceitar a proposta

dos estrangeiros. Depois disso, foram sete meses de preparação e produção, em que foram escalados profissionais e montadas equipes, definido o público-alvo, definido o local que aconteceria os shows, definida a programação da turnê, realizada a captação de recursos, estabelecidas as parcerias, selecionados e contratados os fornecedores, entre outras atividades essenciais para que o projeto fosse colocado em prática com primor e sucesso dignos de um evento do Cortejo Afro.

A Turnê em Paris

Fazia calor em Paris, no final da tarde do dia 22 de agosto de 2012. Era um sábado ensolarado, mas o verão já ensaiava sua despedida. Dentro da sede da Unesco, patrocinadora do evento, havia sido montado um QG para comportar os integrantes e algumas estruturas artísticas do Cortejo Afro. Lá, estavam Mathilde e Ramon, finalizando os últimos preparativos e assegurando que todos os componentes do evento estivessem em ordem. Eles, assim como os integrantes do bloco, estavam muito ansiosos pela estreia do evento, o qual estava marcado para começar às 20:00.

O show aconteceria em uma famosa casa de espetáculos de Paris, *Le Zénith Paris - La Vilette*. Muitas pessoas chegavam ao local. O evento cultural, que contou com o apoio da Secretaria de Turismo da Bahia e da Bahitursa, havia sido amplamente divulgado em veículos de comunicação estratégicos de forma a atingir o público-alvo pensado para o evento – a elite intelectual, artística e jornalística de Paris, brasileiros radicados na capital francesa, bem como os curiosos.

Devido à divulgação e ao interesse dos parisienses, o show do Cortejo Afro reuniu cerca de mil pessoas, e entre o público estavam europeus e brasileiros interagindo em harmonia, selando uma relação de encanto e respeito entre os países. Dessa forma, a apresentação do primeiro dia foi um sucesso, arrancando suspiros do público que não escondeu a perplexidade face à riqueza de cores, a vibração dos ritmos e a alegria contagiante das danças do Cortejo Afro.

Após o show, foi realizada uma exposição das fantasias e indumentárias utilizadas durante a apresentação em uma das salas da sede da Unesco. Dentre as fantasias expostas, estava a polêmica fantasia que possui a burca rosa como elemento de destaque e que representa uma forma de protesto.

O segundo e último dia de apresentação ocorreu no domingo, 23 de setembro às 18:00, e conseguiu

reunir um público ainda maior que no sábado, aproximadamente, mil e 500 pessoas.

No dia seguinte, Mathilde, Ramon, Pitta e outros diretores do Cortejo Afro se reuniram para tomar café e comemorar o sucesso dos eventos. Débora Nascimento havia chegado para se reunir com seus colegas, mas não trazia notícias tão boas. Os jornais parisienses publicaram reportagens sobre a turnê promovida pelo bloco baiano em Paris. As opiniões estavam divididas. Alguns jornalistas teciam elogios ao Cortejo Afro e às suas dimensões artísticas, outros jornais, porém, mais conservadores, faziam críticas quanto às questões religiosas que envolviam o bloco. Além disso, muitas reportagens abordavam de forma crítica e agressiva sobre a fantasia que tinha a burca como adereço.

Nessa época, a França era palco de discussão e de manifestações a respeito da aprovação do projeto de lei que defendia a proibição do uso do *hijab*, o véu islâmico, em lugares públicos no país. Além disso, determinados jornais comunicavam sobre a desaprovação de parte da comunidade muçulmana de Paris em relação ao uso da burca pelo bloco baiano. Segundo esses jornais, alguns membros da comunidade entenderam que o Cortejo Afro desdenhou e ofendeu a moral muçulmana.

À medida que o grupo lia as reportagens, o clima de alegria ia dando lugar a um clima de desapontamento. Esse acontecimento foi um grande choque para Mathilde e Ramon, que não haviam ponderado a possibilidade de ocorrer críticas desse tipo. Alberto Pitta, assim como todos da direção do Cortejo Afro, também ficaram brevemente decepcionados com o episódio.

Administrando o Valor Simbólico a partir da Mudança de Contexto Cultural

De volta à Salvador, os integrantes do Cortejo Afro, tanto os gestores como os associados, assim como os agentes que apoiaram a produção da turnê, compartilhavam sentimentos de gratidão pelos bons momentos vividos e de desapontamento pelas críticas ferozes de alguns jornalistas franceses.

Na sede principal do Cortejo Afro, foi convocada uma reunião com os envolvidos na produção da turnê para que o projeto fosse avaliado, de maneira a identificar os resultados, os pontos fortes e fracos do projeto e analisar se as metas e objetivos definidos foram cumpridos conforme planejado. Nessa reunião,

também estava previsto o balanço dos gastos e retornos para prestação de contas.

– Ora! Fizemos um evento que conseguiu formar um público de quase duas mil pessoas no domingo. Quais foram as nossas falhas que fizeram com que os jornais fossem tão críticos? Um dos gestores do Cortejo Afro indagou.

– Será que teremos que rever a incorporação de símbolos e significados que nós damos às nossas produções artísticas para enriquecê-las de maneira a permitir que conquistemos o mercado internacional? O que vocês acham? Questionou Pitta a todos os presentes, provocando-os a pensar.

Informações Suplementares sobre o Cortejo Afro

Breve Histórico do Cortejo Afro

O Cortejo Afro é uma entidade cultural baiana, fundada em 2 de julho de 1998 pelo artista plástico e atual dirigente responsável da entidade, Alberto Pitta, no bairro de Pirajá, localizado na periferia da cidade de Salvador. A data de fundação da entidade é simbólica para a população baiana, já que nesse mesmo dia, no ano de 1823, as lutas travadas na Bahia expulsaram definitivamente as tropas portuguesas que ainda persistiam. Essa data é, então, conhecida como a Independência da Bahia, sendo comemorada, anualmente, como um marco na história do estado e do país.

A entidade Cortejo Afro é uma sociedade civil associativa sem fins lucrativos que atua nos segmentos de entretenimento e cultura, principalmente, na cidade de Salvador. Trata-se de um grupo afro que se apresenta no carnaval baiano, promovendo shows e participando de eventos culturais.

Devido a sua forte ligação com o candomblé e por ter nascido dentro do terreiro Ilê Axé Oyá, o Cortejo Afro sofre muita influência dos elementos e signos da religião de matriz africana, que além de enaltecer os orixás e suas crenças, também valoriza e reafirma os aspectos da cultura negra. Nesse contexto, o Cortejo Afro tem em Oxalá, orixá associado à criação do mundo e da humanidade, a sua maior referência e fonte de inspiração. Assim, a concepção artística e filosófica da entidade cultural faz alusão às características de Oxalá, em que são utilizados sombreiros e tecidos estampados em branco sobre branco ou azul sobre branco.

Ainda sobre a forte influência provocada pelo candomblé, o Cortejo Afro sempre contou com a orientação espiritual e bênçãos de Mãe Santinha de Oyá, mantendo a herança cultural dos afoxés e blocos afro que, tradicionalmente, elegem um líder espiritual como paraninfo do grupo. Mãe Santinha, cujo nome de batismo é Anízia da Rocha Pitta, é uma das mais respeitadas Mães de Santo da Bahia, que veio a falecer em 16 de maio de 2015.

Outra manifestação religiosa importante para o Cortejo Afro é a celebração do sincretismo religioso em suas concepções artísticas, sendo este um marco da cultura baiana. Além disso, por conta da formação de Alberto Pitta (Figura 7) como artista plástico e dos seus trabalhos anteriores, como, por exemplo, responsável por cenário e figurino do bloco Olodum e assessor da coordenação de Cultura, Estética e Arte do Projeto Axé, o Cortejo Afro apresenta um viés estético muito forte.

Figura 7 . Alberto Pitta, Idealizador e Gestor do Cortejo Afro



Fonte: Perfil oficial do Facebook do Cortejo Afro (2016)

Ao fazer uma releitura de experiências afrodescendentes no carnaval baiano, que foram iniciadas na década

de 1960 com os blocos de índios, passando pelo surgimento do primeiro bloco afro em 1974, o Cortejo Afro traz uma mistura de ritmos, signos, cores e diversas formas de expressão que conferem a ele uma singularidade especial.

A entidade Cortejo Afro possui, aproximadamente, 2.500 associados, além de contar com cerca de 60 estrangeiros que todo ano são convidados para tocar percussão nos desfiles de carnaval.

Atividades do Cortejo Afro

Conforme o Estatuto Social do Cortejo Afro, a entidade cultural tem como objetivos “empreender parcerias com organizações privadas, governamentais e não governamentais para realizar ações de educação, conscientização e combate à discriminação e violência de ordem racial, econômica, cultural, política, de gênero, social e religiosa; valorizar a estética, a cultura e a religião de origem negra e mestiça; propiciar intercâmbios com instituições municipais, estaduais, nacionais e internacionais de natureza cultural, social, profissional e desportiva; promover ações afirmativas, buscando propiciar direito à cidadania; fomentar a formação e a produção artística e cultural; incentivar preservação e difusão de patrimônio artístico, cultural e histórico; promover a busca pelo conhecimento de bens e valores culturais; administrar o Bloco Carnavalesco Cortejo Afro; entre outros” (NASCIMENTO, 2009, p. 32).

Alinhado aos objetivos do Estatuto, as atividades do Cortejo Afro são divididas entre o bloco de carnaval, a banda e os cursos ministrados em parceria com o Instituto Oyá.

A Banda Cortejo Afro

A banda Cortejo Afro é composta por mestres de percussão, percussionistas e por uma ala de canto, que por sua vez é formada por cantores e compositores (Figuras 8 e 9). Os atuais cantores são: Marquinhos Marques, Valmir de Brito, Portella Açúcar e Claudya Costa. Outros cantores baianos já fizeram parte da banda, como Mariene de Castro, Marcia Short e Aloísio Menezes.

Durante os eventos e shows realizados pelo Cortejo Afro, a banda, normalmente, recebe participações especiais de diversos artistas. Dentre os artistas nacionais e internacionais que já foram convidados pelo Cortejo Afro, destacam-se Caetano Veloso, Gilberto Gil, Bjork, Carlinhos Brown, Daniela Mercury, Margareth

Menezes, Arto Lindsay, Gerônimo, dentre outros.

A banda Cortejo Afro apresenta uma proposta musical que se diferencia das demais bandas que compõem os blocos afro, no momento em que mistura ritmos diferentes, como batidas eletrônicas, ritmos latinos e africanos, *pop music* e MPB. Nessa composição eclética, o gênero musical predominante é a música afro percussiva.

A banda Cortejo Afro também sofre influência do *samba-reggae*, que nasceu na Bahia na década de 80, tendo como criador e principal disseminador o maestro Neginho do Samba. Como o próprio nome sugere, é uma fusão entre o samba, cuja origem é brasileira, e o *raggae* jamaicano. Tal gênero, genuinamente, baiano, que foi absorvido pela indústria fonográfica, e é associado a temáticas da negritude.

Figura 8 . Integrantes da banda Cortejo Afro



Fonte: Perfil oficial do Facebook do Cortejo Afro (2016)

Figura 9 . Cantores da Banda Cortejo Afro



Fonte: Perfil oficial do Facebook do Cortejo Afro (2016)

Para além das questões musicais, a banda também é composta pelo dançarino Veko Araújo (Figuras

10), que se apresenta junto com a banda realizando performances e coreografias, vestindo fantasias sofisticadas e portando um sombrero que faz alusão aos cortejos realizados pela nobreza de algumas tribos africanas. Com o decorrer do tempo, tais performances e evoluções se tornaram um símbolo da banda e do bloco. Atualmente, a presença de Veko Araújo é considerada marca registrada do Cortejo Afro.

Figura 10 . Dançarino Veko Araújo

Fonte: Perfil pessoal do Facebook de Veko Araújo (2016)



O Instituto Oyá

O Instituto Oyá é um centro de arte, cultura, lazer e esporte, que foi fundado no bairro de Pirajá em 06 de março de 1998, tendo como berço o Terreiro Ilê Axé Oyá. Em parceria com o Instituto Oyá, o Cortejo Afro realiza projetos de cunho social junto aos jovens e adultos da comunidade. Dentre as ações sociais, são promovidos cursos e oficinas dos mais variados estilos, como dança, percussão, serigrafia, informática, corte e costura, estética, entre outros (Figuras 11 e 12).

Segundo Andrea Nascimento (2009, p. 32), que faz parte do núcleo de comunicação do Cortejo Afro, os dirigentes da entidade cultural e carnavalesca entendem que “o conhecimento da cultura serve de mola propulsora para o desenvolvimento social dos indivíduos”.

Figura 11 . Grupo de Percussão do Instituto Oyá



Fonte: Perfil oficial do Facebook do Instituto Oyá (2016)

Figura 12 . Cia Dança Oyá



Fonte: Perfil oficial do Facebook do Instituto Oyá (2016)

Eventos

Quadro 1 . Cronologia das Principais Criações e Apresentações do Cortejo Afro

Ano	Evento	Tema/Concepção	Local
1999	Desfile de carnaval	Aniversário da Cidade de Salvador: 450 Anos	Salvador – Brasil
1999 e 2000	Show	Ensaio de verão no Pelourinho	Salvador – Brasil
2000	Desfile de carnaval	O Outro Navio	Salvador – Brasil
2000 e 2001	Show	Ensaio de verão no Pelourinho	Salvador – Brasil
2001	Desfile de carnaval	Cortejo Afro Sincrético e Sincrítico	Salvador – Brasil
2001 e 2002	Show	Ensaio de verão no Pelourinho	Salvador – Brasil
2002	Desfile de carnaval	As Palavras e as Folhas	Salvador – Brasil
2002 e 2003	Show	Ensaio de verão no Pelourinho	Salvador – Brasil
2003	Desfile de carnaval	Pierre Verger	Salvador – Brasil
2003 e 2004	Show	Ensaio de verão no Pelourinho	Salvador – Brasil
2004	Participação em projeto artístico	Da Lama Lâmina	Salvador – Brasil
2004	Desfile de carnaval	Cinema Novo	Salvador – Brasil
2004 e 2005	Show	Ensaio de verão no Pelourinho	Salvador – Brasil
2005	Desfile de carnaval	Comida e Tradição	Salvador – Brasil
2005 e 2006	Show	Ensaio de verão no Pelourinho	Salvador – Brasil
2006	Desfile de carnaval	Casa, Carne e Habitação	Salvador – Brasil
2006	Exposição	30 anos de Blocos Afro	Salvador – Brasil
2006	Projeto	Movimento Afro Pop Brasileiro	Salvador – Brasil
2006 e 2007	Show	Ensaio de verão no Pelourinho	Salvador – Brasil
2007	Desfile de carnaval	Rezas, Benzeduras e Simpatias	Salvador – Brasil
2007	Show	-	Buenos Aires – Argentina
2007	Show	-	Santiago – Chile
2007	Show	-	Lisboa – Portugal
2007	Show	-	Berlim – Alemanha
2007 e 2008	Show	Ensaio de verão no Pelourinho	Salvador – Brasil
2008	Desfile de carnaval	Nações Indígenas	Salvador – Brasil
2008	Show	-	Córdoba – Argentina
2008	Show	-	Mendoza – Argentina
2008 e 2009	Show	Ensaio de verão no Pelourinho	Salvador – Brasil
2009	Desfile de carnaval	As Águas	Salvador – Brasil
2009 e 2010	Show	Ensaio de verão no Pelourinho	Salvador – Brasil
2010	Desfile de carnaval	Uma Odisseia Africana	Salvador – Brasil
2010 e 2011	Show	Ensaio de verão no Pelourinho	Salvador – Brasil
2011	Desfile de carnaval	Um trem para as estrelas	Salvador – Brasil
2011 e 2012	Show	Ensaio de verão no Pelourinho	Salvador – Brasil
2012	Desfile de carnaval	Outras Palavras	Salvador – Brasil
2012	Projeto Petrobras	Que bloco é esse?	Salvador – Brasil
2012 e 2013	Show	Ensaio de verão no Pelourinho	Salvador – Brasil
2013	Exposição	Carnaval Negro Baiano	Salvador – Brasil

2013	Desfile de carnaval	África de Ferro e da Cultura – Os Homens de Ferro	Salvador – Brasil
2013 e 2014	Show	Ensaio de verão no Pelourinho	Salvador – Brasil
2014	Desfile de carnaval	Os Olhos de Xangô	Salvador – Brasil
2014	Projeto social	Mundo Afro	Salvador – Brasil
2014	Show	Lavagem Madeleine	Paris – França
2014 e 2015	Show	Ensaio de Verão no Pelourinho	Salvador – Brasil
2015	Desfile de carnaval	Oyá Balé - A Dona da Porteira do Continente Africano - Uma homenagem a Mãe Santinha de Oyá	Salvador – Brasil
2015 e 2016	Show	10 Ensaio de Verão no Pelourinho	Salvador – Brasil
2016	Desfile de carnaval	Oxum, a Dona do Colar de Ouro	Salvador – Brasil
2016	Show	Espetáculo Eu sou a concha - reinauguração da Concha Acústica	Salvador – Brasil

Premiações

Quadro 2 . Premiações do Cortejo Afro

Ano	Prêmio	Categoria
2013	Troféu Castro Alves	Melhor bloco Afro
2014	Troféu Dodô e Osmar	Melhor fantasia de bloco afro

Referências sobre a Entidade Cultural Cortejo Afro

CORTEJO AFRO. **Site oficial.** <http://www.cortejoafro.com.br/>

CORTEJO AFRO. **Página oficial do Cortejo Afro no Facebook.** <https://www.facebook.com/CortejoAfro/?fref=ts>

CORTEJO AFRO. **Documentário Petrobras “Que bloco é esse?”.** <https://www.youtube.com/watch?v=V0O9n5UF4eA>

INSTITUTO OYÁ. **Site oficial.** <http://oyainstituto.blogspot.com.br/>

INSTITUTO OYÁ. **Página oficial no Facebook.** <https://www.facebook.com/InstitutoOya/?fref=ts>

NASCIMENTO, A. **Expo Cortejo Afro: Uma Década de História.** Monografia (Graduação em

Relações Públicas). Universidade do Estado da Bahia. Salvador, 2009.

Questões para Discussão

Questão #1 – Significados Culturais dos Produtos do Cortejo Afro

Como podemos caracterizar os produtos culturais oferecidos pelo Cortejo Afro a partir dos significados e símbolos que lhe são atribuídos?

Questão #2 – Valor Simbólico e Mudança de Contexto Cultural

O que podemos aprender com as experiências vivenciadas por Mathilde e Ramon em relação ao consumo de produtos culturais do Cortejo Afro? O que podemos aprender com as experiências desafiadoras vivenciadas pelo Cortejo Afro sobre mudança de contexto cultural para os processos de valor simbólico?

Questão #3 – Estratégias de Gestão e Desafios de Mudança de Contexto Cultural

Quais são estratégias de gestão voltadas para os processos de valor simbólico que podem ser adotadas pelo Cortejo Afro para lidar com os desafios de mudança de contexto cultural?

Notas de Ensino

Sinopse

O caso para ensino coloca em foco as dinâmicas da dinâmica de criação, gestão e consumo de valor simbólico de serviços culturais, permitindo analisá-los sob a ótica da produção de símbolos do bloco de carnaval Cortejo Afro. A questão central a ser discutida são os desafios de adaptação à novos contextos culturais, ponderando sobre as alternativas que se apresentam a uma organização cultural de entretenimento em seu processo de expansão internacional.

Objetivos Educacionais

O caso para ensino pode ser utilizado em sala de aula para atingir os seguintes objetivos educacionais:

- Entender os significados culturais que sustentam a atividade de uma organização.
- Identificar os desafios de mudança de contexto cultural para os processos de produção do valor simbólico.
- Refletir sobre estratégias de gestão de valor simbólico necessárias para enfrentar os desafios de mudança de contexto cultural.

Uso Pedagógico Sugerido

O caso é adequado ao ensino em diversas disciplinas do curso de Administração e Comunicação, que desejem discutir questões ligadas a cultura, consumo e identidade organizacionais. O caso para ensino contribui para enriquecer o ensino teórico e estimular o pensamento crítico dos estudantes. Para o uso do caso em sala de aula, sugerimos as seguintes atividades:

- a) Dividir a sala em grupos para a leitura do caso.
- b) Solicitar leitura do texto de McCracken (2007) e elaboração, por cada equipe, de uma resposta para a Questão #1, a ser apresentada para a turma.
- c) Apresentação das respostas que cada equipe elaborou para a Questão #1. As discussões podem ser realizadas logo após a apresentação de cada equipe ou no final de todas as apresentações.

- d) Solicitar leitura do texto de Ravasi e Rindova (2013) e elaboração, por cada equipe, de uma resposta para a Questão #2, a ser apresentada para a turma.
- e) Apresentação das respostas que cada equipe elaborou para a Questão #2. As discussões podem ser realizadas logo após a apresentação de cada equipe ou no final de todas as apresentações.
- f) Solicitar elaboração, por cada equipe, de uma resposta para a Questão #3, a ser apresentada para a turma.
- g) Apresentação das respostas que cada equipe elaborou para a Questão #3. As discussões podem ser realizadas logo após a apresentação de cada equipe ou no final de todas as apresentações.

Questões para Discussão

Questão #1 – Significados Culturais dos Produtos do Cortejo Afro

Como podemos caracterizar os produtos culturais oferecidos pelo Cortejo Afro a partir dos significados e símbolos que lhe são atribuídos?

Questão #2 – Valor Simbólico e Mudança de Contexto Cultural

O que podemos aprender com as experiências vivenciadas por Mathilde e Ramon em relação ao consumo de produtos culturais do Cortejo Afro? O que podemos aprender com as experiências desafiadoras vivenciadas pelo Cortejo Afro sobre mudança de contexto cultural para os processos de valor simbólico?

Questão #3 – Estratégias de Gestão e Desafios de Mudança de Contexto Cultural

Quais são estratégias de gestão voltadas para os processos de valor simbólico que podem ser adotadas pelo Cortejo Afro para lidar com os desafios de mudança de contexto cultural?

Análise do Caso

Questão #1 – Significados Culturais dos Produtos do Cortejo Afro

Como podemos caracterizar os produtos culturais oferecidos pelo Cortejo Afro a partir dos significados e símbolos que lhe são atribuídos?

Discussão:

As discussões e implicações para a questão proposta devem ser pensadas valendo-se da teoria concebida pelo antropólogo Grant McCracken (2003), na qual declara que os significados culturais constituem o conjunto de conceitos e propriedades simbólicas que são exploradas com propósitos sociais, servindo para orientar os indivíduos a definir suas noções de “eu” e a satisfazer suas liberdades.

Nesse sentido, para a formulação das respostas da questão, os estudantes devem refletir sobre as características da marca Cortejo Afro, bem como sobre as experiências sensoriais vividas pelas personagens principais do caso para ensino, Mathilde e Ramon, nos eventos proporcionados pelo bloco.

Ainda segundo McCracken (2003), os significados culturais podem ser compreendidos através das noções de categorias e princípios culturais. As categorias culturais são responsáveis por criar um complexo “sistema de distinções que organiza o mundo dos fenômenos”, permitindo que cada cultura estabeleça suas próprias regras, desenvolvendo sua própria visão particular do mundo. De maneira complementar, os princípios culturais são as premissas e ideias que fazem com que os fenômenos culturais sejam classificados e inter-relacionados.

Dentro do conceito da marca Cortejo Afro e dos bens e serviços ofertados, podem ser identificados significados de categorias culturais diferentes, como: religião, estética, étnica e política.

Os significados culturais ligados à categoria religião são os mais perceptíveis, uma vez que o Cortejo Afro é fortemente influenciado pelas tradições religiosas do Candomblé, devido, principalmente, ao seu local de nascimento e à imagem da Yalorixá Mãe Santinha como líder espiritual. O bloco faz referência aos orixás em praticamente todos os seus elementos artísticos: repertório musical, danças, escolhas do tema do carnaval, e nas fantasias utilizadas pela banda e pelos

foliões. Diante da pluralidade do sincretismo religioso, um dos marcos da cultura baiana, o Cortejo Afro também faz valer os símbolos de outras religiões além do candomblé, como a religião católica e a religião islâmica, por exemplo. Estes significados religiosos vinculados ao bloco afro comunicam fé, tradição, espiritualidade e aproximam os consumidores dos aspectos lúdicos da religião de matriz africana.

Sobre a categoria estética, o Cortejo Afro é reconhecido pela inclusão de estampas sofisticadas e de cores fortes e contrastantes em suas roupas, fantasias e adereços. A concepção artística do bloco sofre influência estética dos elementos místicos do Candomblé e de outras religiões, valorizando a experiência visual. Tecendo um olhar sobre o dançarino Veko Araújo a partir das suas performances e coreografias relatadas no caso para ensino transmitem a energia do bloco ao público que frequenta os shows e desfiles de carnaval. Portanto, é possível considerar o dançarino como o principal elemento simbólico e estético de identificação do bloco Cortejo Afro. Esses símbolos estéticos comunicam elegância e irreverência.

Em relação aos significados étnico-políticos, é perceptível no caso para ensino que o Cortejo Afro adota um discurso político que defende a valorização do negro e protesta contra a marginalização das minorias. Quando assimilados e adotados pelo consumidor em sua personalidade, esses significados culturais demonstram engajamento do indivíduo.

Questão #2 – Valor Simbólico e Mudança de Contexto Cultural

O que podemos aprender com as experiências vivenciadas por Mathilde e Ramon em relação ao consumo de produtos culturais do Cortejo Afro? O que podemos aprender com as experiências desafiadoras vivenciadas pelo Cortejo Afro sobre mudança de contexto cultural para os processos de valor simbólico?

Discussão:

Para essas questões propostas, os estudantes devem explicar as experiências vivenciadas por Mathilde e Ramon durante os espetáculos do Cortejo Afro a partir da compreensão do processo de absorção de valor simbólico e destacar como as personagens expressam os signos e elementos culturais que resignificam cada

experiência vivida. Os destaques estão por conta das sensações relatadas nos tópicos do caso para ensino “Vivenciando o Ensaio do Cortejo Afro” e “O Carnaval de Salvador”.

Para nortear a construção das respostas, recomenda-se que seja dado enfoque ao tópico do artigo de Ravasi e Rindova (2013) onde é explicado o processo de adoção de signos pelos indivíduos através do consumo simbólico de produtos e serviços. Nesse tópico, os autores explicam que o processo de adoção de signo ocorre pela manipulação coletiva dos significados, emergindo de interações sociais complexas (RAVASI; RINDOVA, 2013, p. 26).

De maneira complementar, McCracken (2003) afirma que os signos e significados culturais se movem incessantemente de um ponto para outro, residindo no mundo culturalmente constituído para os produtos e serviços, e desses para os consumidores individuais. A partir dessa afirmação, o autor examina o movimento dos significados culturais através da definição de instrumentos de transferência de significados.

Em relação à experiência de mudança de contexto cultural vivenciada pelo Cortejo Afro a partir da realização de espetáculos internacionais, fica evidente no caso, especificamente no tópico “A Turnê”, que ocorre um desvio no processo de adoção de signos por parte de certos franceses. Esse desvio se dá devido à interpretação desconexa dos elementos culturais presentes no espetáculo, gerando uma situação de conflito cultural e interpretativo no caso.

Questão #3 – Estratégias de Gestão e Desafios de Mudança de Contexto Cultural

Quais são estratégias de gestão voltadas para os processos de valor simbólico que podem ser adotadas pelo Cortejo Afro para lidar com os desafios de mudança de contexto cultural?

Discussão:

Os estudantes devem ser guiados a pensar em possíveis estratégias que poderiam ser adotadas pelo Cortejo Afro na realização de seus espetáculos, a fim de enfrentar os desafios relacionados as mudanças de cenários culturais, dirimindo possíveis adoções de signo conflitantes entre os seus espectadores.

Para tanto, é importante realizar a compreensão da conjuntura política e cultural vivida pela França durante o período relatado no caso, em que o país se encontrava polarizado no que diz respeito ao movimento político para banir o uso da burca. Devido a esse contexto, a burca representava um símbolo indesejado na França, associado ao sentimento de medo causado por movimentos terroristas mulçumanos na Europa, associado à imagem de submissão da mulher que não condiz com as práticas modernas do país e, por fim, associado ao secularismo francês que prevê a completa separação entre o Estado e as religiões. Assim, para uma parte da população francesa, a burca era qualificada como inaceitável.

Diante das possibilidades, duas estratégias, no mínimo, podem ser pensadas em sala de aula: (a) não utilizar o adereço específico nos espetáculos, por entender que poderá gerar consequências negativas para a organização, buscando alternativas para substituí-lo a fim de conservar a crítica sobre a invisibilidade das minorias; e (b) manter o adereço, desde que seja realizada a contextualização do tema do espetáculo através de planos de comunicação e divulgação, permitindo que o público tenha maiores condições de interpretar as mensagens que o Cortejo Afro pretende comunicar.

Referências

- AKTOUF, O. Competence, symbolic activity and promotability. In: LINSTEAD, S.; SMALL, R., *et al* (Ed.). **Understanding management**. London: Sage Publications, 1996.
- BARBOSA, L.; CAMPBELL, C., Eds. **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.
- DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2013.
- FEATHERSTONE, M. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- GIOIA, D. A. Symbols, scripts, and sensemaking: creating meaning in the organizational experience. In: SIMS, H. P. e GOIA, D. A. (Ed.). **The thinking organization**. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1986.
- LEVY, S. J. Symbols for sale. **Harvard Business Review**, v. July-August, p. 117-24, 1959.

MCCRACKEN, Grant. Cultura e Consumo: Uma Explicação Teórica da Estrutura e do Movimento do Significado Cultural dos Bens de Consumo. **Revista de Administração de Empresas**, v. 47, n. 1, p. 99-115, 2007.

MCCRACKEN, G. **Cultura e consumo: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

RAVASI, D.; RINDOVA, V.; DALPIAZ, E. The cultural side of value creation. **Strategic Organization**, v. 10, n. 3, p. 231-239, 2012.

RAVASI, Davide; RINDOVA, Violina. Criação de Valor Simbólico. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v.2, n.2, p. 13-35, 2013.

SARAIVA, L. A.; CARRIERI, A. D. P. Dinâmica simbólica nas organizações. In: MARCHIORI, M. (Ed.). **Comunicação e Organização: Reflexões, Processos e Práticas**. São Caetano do Sul: Edifusão Editora, 2010. p.209-222.

WOOD JR., T. Organizações de Simbolismo Intensivo. **Revista de Administração de Empresas**, v. 40, n. 1, p. 20-28, 2000.